

“ÂMBAR E ÂMBAR CINZENTO: MITO, MAGIA E CIÊNCIA”

Maria do Sameiro Barroso



Âmbar, po, óleo granulado, creme para massagem

Gdansk Amber Museum

O âmbar cinzento e o âmbar amarelo, duas substâncias fragrantas, que aparecem nas praias após as tempestades e ambas usadas em medicina, fascinam a humanidade desde tempos remotos, tendo sido frequentemente confundidas. O âmbar cinzento foi introduzido na farmacopeia pelo médico árabe Razes (865-932 d.C.), juntamente com a cânfora e o almíscar, tendo sido identificado como um produto da baleia do alto mar.

Pensou-se que fosse esperma ou placenta de baleia até Walfänger, no século XVIII, descobrir o âmbar cinzento no intestino de um cachalote, pela primeira vez, nos Estados Unidos. Era conhecido nas costas do Oceano Índico, onde era comercializado como afrodisíaco, na medicina popular, desde tempos imemoriais. Na Índia, na Pérsia e na China, era utilizado como medicamento para as tonturas e lipotimias, para fortalecer o cérebro e o coração. Entre nós, o médico português, Cristovão da Costa (c. 1525-1593), referiu que em Setúbal e Peniche apareceram pedaços de âmbar cinzento.

Também conhecido como *ambra ambrosia*, *succinum griseum*, *ambergris*, é uma substância opaca, castanha escura, contendo, por vezes, elementos vários, presentes no intestino do cachalote (*Physeter macrocephalus L.*), a única espécie onde a substância se forma, sendo depois expelida. Por ter um peso específico baixo, flutua à superfície das águas em grandes pedaços que pesam entre 0,5 a 10 Kg, podendo, em casos mais raros pesar 300 a 400 Kg.

Forma-se apenas em 1% dos cachalotes, pensa-se que por um processo patológico, provocado por ferimentos no intestino, causados pelas cartilagens do choco e crustáceos, ingeridos e não digeridos, que provocam um vômito fecal. O âmbar fresco

tem um cheiro a fezes intenso e desagradável. Após exposição ao ar e à luz, exala um odor semelhante a um *bouquet* de flores que foi utilizado no fabrico de perfumes até ter sido proibido, em 1981, por perigo de extinção dos cachalotes, tendo os triterpenóides naturais da ambrina, utilizados pelo seu odor agradável e pela sua capacidade fixação do perfume na pele, sido substituídos pelo diterpeno de síntese.

O âmbar báltico, resina fossilizada de coníferas do eoceno, tem sido usada em artefactos humanos, objectos de adorno com significado simbólico e sagrado, desde o Paleolítico.

Surgindo do mar, o âmbar suscitou fantasias que procuraram explicar a sua origem, figurando nas mitologias antigas, associado às lágrimas derramadas pelos deuses. Numa lenda da Lituânia, o âmbar foi associado às lágrimas da deusa do mar, Juraté, que vivia num palácio de âmbar, no fundo do mar. Juraté apaixonou-se por Kastytis, um belo pescador de âmbar. Perkunas, o grande deus da mitologia lituânica, que também amava a bela Juraté matou o pescador, pois uma deusa não se podia apaixonar por um mortal. De acordo com a lenda, após as tempestades, durante as quais o âmbar é atirado para as praias, ainda se ouvem os lamentos de Juraté por entre os pedaços de âmbar.

Na mitologia grega, figura no mito de Faetonte, filho do deus Hélio que ousou subir demasiado alto com o seu carro. Faetonte aproximou-se demasiado do sol e morreu. O poeta latino Ovídio (43 a.C.-17 ou 18 d.C.) narrou o mito. As irmãs de Faetonte foram transformadas em árvores e as suas lágrimas em âmbar (Ovídio, *Metamorfoses*, II, 367-371)

Usado como ornamento pela sua beleza, ou reduzido a pó e queimado como incenso, em rituais, o âmbar foi um dos ingredientes medicinais mais apreciados durante a Idade Média, usado em elixires ou em compostos.

No início do século XIX, foi identificado como um produto de árvores pré-históricas, semelhantes a pinheiros, originárias do período Terciário. A conífera *Pinus succinifera* constitui a fonte do âmbar báltico. Cerca de 90% do âmbar báltico possui uma alta concentração de ácido succínico, um anódino com propriedades anti-inflamatórias e imuno-estimulantes, uma vez que é um ácido butanóide que surge nas plantas e que tem um papel importante no ciclo de Krebs.